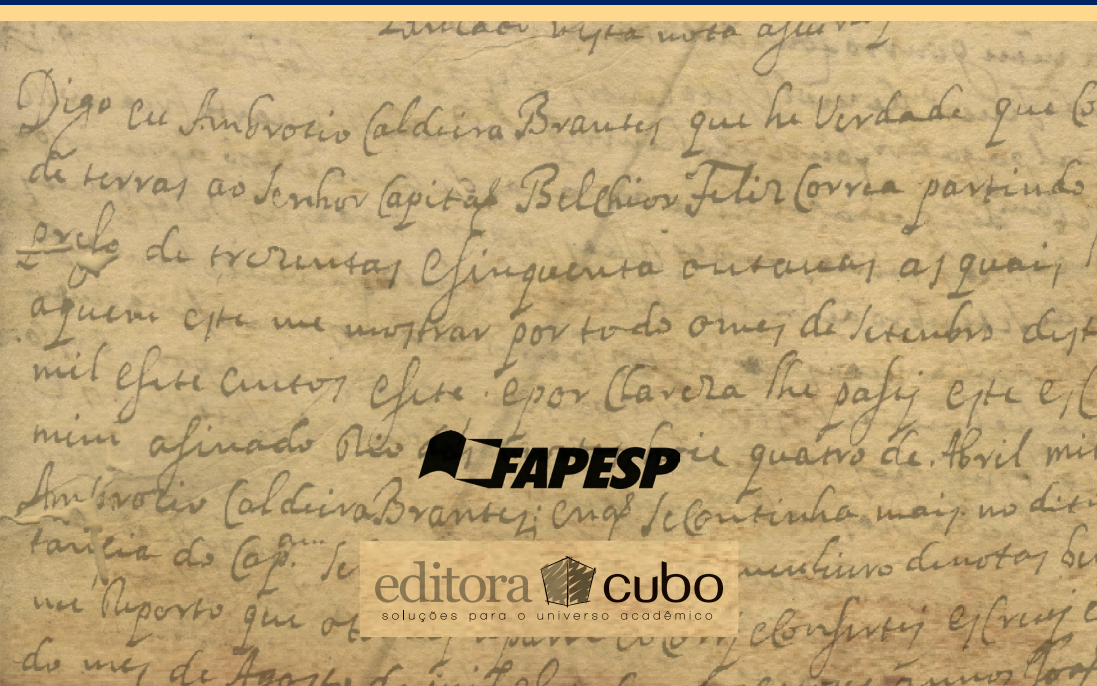


Heitor Megale
Sílvio de Almeida Toledo Neto
Phablo Roberto Marchis Fachin

POR RUMOS DA AGULHA

DOCUMENTOS DO OURO DO SÉCULO XVIII

Série Diachronica



POR RUMOS DA AGULHA

DOCUMENTOS DO OURO DO SÉCULO XVIII

Série Diachronica 7

Coordenação da Série Diachronica
Sílvio de Almeida Toledo Neto
Phablo Roberto Marchis Fachin

- Volume 1:** Carta de Caminha
CAMBRAIA, César Nardelli,
CUNHA, Antônio Geraldo da,
MEGALE, Heitor
- Volume 2:** E os preços eram commodos
BERLINCK, Rosane de Andrade
GUEDES, Marymarcia
- Volume 3:** Cartas Baianas Setecentistas
LOBO, Tânia (org.)
FERREIRA, Perminio Souza
GONÇALVES, Uilton
OLIVEIRA, Klebson
- Volume 4:** Por minha Letra e Sinal
MEGALE, Heitor
TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida
- Volume 5:** Descaminhos e dificuldades: leitura de
Manuscritos do século XVIII
FACHIN, Phablo Roberto Marchis
- Volume 6:** Caminhando mato dentro
MEGALE, Heitor
TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida
FACHIN, Phablo Roberto Marchis

Heitor Megale
Sílvio de Almeida Toledo Neto
Phablo Roberto Marchis Fachin

POR RUMOS DA AGULHA

DOCUMENTOS DO OURO DO SÉCULO XVIII

Edição dos manuscritos por
Andrea Hitos Ferreira
Cláudia Damiano Lopes de Almeida Silveira
Elisabete Massami Nishi
Elizângela Nivardo Dias
Heitor Megale
Keila Makarovsky Galvão
Lia Carolina Prado Alves Mariotto
Maria Célia Lima-Hernandes
Paula Held Lombardi Araujo
Phablo Roberto Marchis Fachin
Renata Ferreira Costa
Renata Ferreira Munhoz
Sílvio de Almeida Toledo Neto
Vanessa Martins do Monte

editora  cubo
soluções para o universo acadêmico

São Carlos, SP
2015

Copyright © 2012 by
Heitor Megale
Sílvio de Almeida Toledo Neto
Phablo Roberto Marchis Fachin

Revisão de Texto:

Amanda Valeira de Oliveira Monteiro - Ana Claudia de Ataíde Almeida Mota
Ana Claudia Zatorre dos Santos - Elizângela Nivardo Dias
Heitor Megale - Maria Fernanda Brito Resende - Phablo Roberto Marchis Fachin
Renata Ferreira Munhoz - Renata Ferreira Costa - Sílvio de Almeida Toledo Neto
Vanessa Martins do Monte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Por ramos da agulha : documentos do ouro do Século XVIII /
Heitor Megale, Sílvio de Almeida Toledo Neto, Phablo Roberto
Marchis Fachin, (org.) . -- São Carlos, SP : Editora Cubo,
2015. -- (Série diachronica ; v. 7 / coordenadores Heitor
Megale. [et. al.]

ISBN 978-85-60064-64-9

1. Brasil - História - Ciclo do ouro 2. Filologia
3. Manuscritos - Brasil 4. Paleografia 5. Português - Brasil -
História 6. Português - Transcrição 7. Português escrito -
História I. Megale, Heitor. II. Toledo Neto, Sílvio de Almeida.
III. Fachin, Phablo Roberto Marchis. IV. Série.

15-10117

CDD-469.800981

Índices para catálogo sistemático:

1. Língua portuguesa : Português escrito : Brasil : História :
Século 18 : Linguística aplicada 469.800981

Apoio



CAPÍTULO I
A Escrita No Século XVIII
Por Phablo Roberto Marchis Fachin
Renata Ferreira Costa

DOI: 10.4322/978-85-60064-64-9_02

A escrita do século XVIII presente nos manuscritos editados neste livro tem como principais características a cursividade e a individualidade gráfica, também chamada por Higounet (2004: 168) de *grafismos pessoais*. Já observadas em períodos anteriores, a primeira é consequência da flexibilidade gerada pelo instrumento de escrita no correr do punho sobre o suporte, o que proporciona o seu aspecto corrente; a segunda decorre, dentre outras razões, do fim do monopólio das escolas caligráficas dos scriptoria medievais e, conseqüentemente, do número considerável de escribas atuantes na produção de manuscritos, principalmente nas instituições da administração ultramarina portuguesa. Como afirma Higounet (2004: 169) “o número impõe a diversidade”.

Acioli (1994: 41), em seu livro *A escrita no Brasil Colônia*, confirma tal fato. Segundo a autora, “com a invenção da imprensa, acabaram-se as escolas caligráficas dos mosteiros, transformando-se muitas delas em oficinas tipográficas. A escrita deixou de ser artística, passando a ser essencialmente cursiva”. Sem o rigorismo padronizador dos mosteiros e chancelarias medievais, houve espaço para uma escrita corrente, com formas e traços bastante variados e numerosas ligaduras de acordo com a habilidade de cada escriba, proveniente, principalmente, da frequência com que realizava esse trabalho e de suas circunstâncias. Como resultado, a escrita tornou-se muito rápida, pessoal e, muitas vezes, irregular.

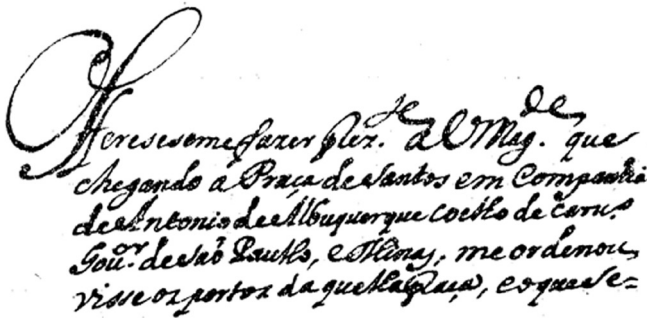
Resultado da humanística, praticada desde os fins do século XV, a escrita do XVIII, porém, não possui uma classificação que resuma as características caligráficas encontradas em documentos coloniais e imperiais. Ainda há muito que se ler e editar para formar-se um *corpus* considerável que possa embasar estudos paleográficos com fins classificatórios.

Os manuscritos constantes deste livro demonstram muito bem a variedade de tipos caligráficos desse período, decorrentes da cursividade em questão e da individualidade da escrita de cada escriba. Servem também para comprovar que, apesar da diversidade de punhos responsáveis pela produção desse material, há características caligráficas comuns, como a inclinação de seu traçado à direita, o seu aspecto corrente com ângulos

variáveis, a sua cursividade e a forma de algumas letras, por exemplo, que cercam o período abrangido por esses documentos, o que auxiliará uma futura classificação.

Não havia mais a preocupação artística na preparação e na produção dos manuscritos. Os documentos à época eram escritos por um número considerável de escribas de diferentes níveis hierárquicos e, dependendo das circunstâncias e da peculiaridade da escrita de cada um deles, muitas vezes, independente de habilidade, tinha-se como consequência um conjunto de tipos caligráficos de fácil, médio e difícil leitura.

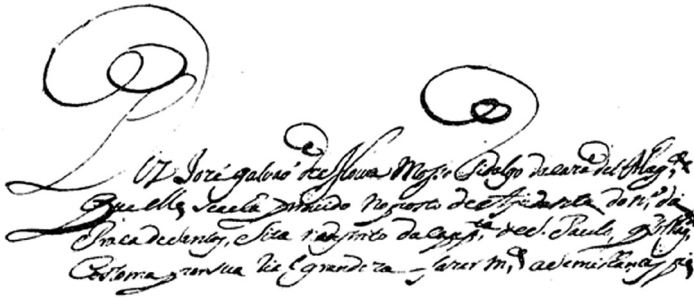
O trecho abaixo, retirado de um documento escrito na vila de Santos, em 18 de novembro de 1710, representa um exemplo de tipo caligráfico de fácil leitura. Além do cuidado observado na produção do manuscrito, apresenta regularidade no traçado das letras e na distribuição das linhas. Tal fato ameniza a dificuldade que poderia ser causada pela falta de fronteira de algumas palavras e pela presença de ligaduras entre algumas letras.



Offere se me fazer prez. a Vossa Magestade que
chegando a Praça de Santos em Companhia
de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho
Governador de São Paulo, e Minas, me ordenou
visse os portos da quella praça, eoque se=

Offere se me fazer presente a Vossa Magestade que
chegando a Praça de Santos em Companhia
de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho
Governador de São Paulo, e Minas, me ordenou
visse os portos da quella praça, eoque se=

O trecho seguinte, retirado de um requerimento escrito em Santos por volta de 26 de novembro de 1710, em sua apresentação não se diferencia muito do anterior. No entanto, talvez pela rapidez empregada, os tipos caligráficos não oferecem a mesma facilidade que o primeiro. A cursividade da escrita proporciona traçados rápidos e corridos, tendo como consequência vários nexos entre as letras, que, em certos momentos, encontram-se espremidas nas palavras devido à proximidade entre elas, ampliando ainda mais a dificuldade de leitura.

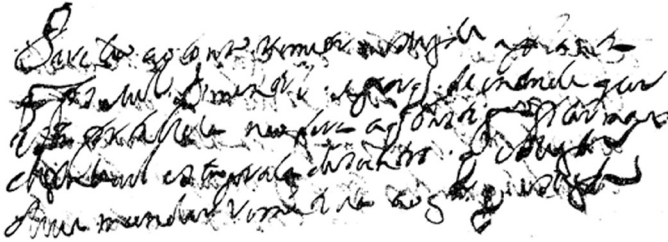


Uo Jozé galvão de Moura Mosso Fidalgo da casa de Vossa Magestade
que elle se acha prouido no posto de Ajudante do numero, da
Praça de Santos, Seia nodestrito da Cappitania de Saõ Paulo, que
Vossa Magestade
Costoma por sua real grandeza - fazer m. de semelhantes pe

Diz Iozé galvão de Moura Mosso Fidalgo da casa de Vossa Magestade
que elle se acha prouido no posto de Ajudante do numero, da
Praça de Santos, Seia nodestrito da Cappitania de Saõ Paulo, que
Vossa Magestade
Costoma por sua real grandeza fazer merce, a semelhantes pe

Retirado de uma minuta de parecer de 12 de março de 1709, o trecho a seguir apresenta tipos caligráficos de difícil leitura. Não por consequência da falta de habilidade do escriba, pois se trata de um documento proveniente do Conselho Ultramarino. Possui traçado rápido e forte, aparentemente, irregular. À primeira vista, passa a impressão de falta de cuidado. A direção da escrita é angulosa, ora está crescente, ora decrescente em relação à pauta. As letras de uma mesma palavra variam

de acordo com essa oscilação, o que dificulta identificá-las em certos contextos.



Pareceo ao Conselho remeter a *SuaMajestade* aplanta
quefes Manoel Pimentel e por que se entende que
esta fortalleza nao sera a que basta para ficar maes
defensauel esta praca desantos que *SuaMajestade*
deue mandar remete[]la ao *gouernador* que *suaMajestade*

Por se tratar de tipos caligráficos de cunho pessoal, resultante da particularidade de seus escribas, para cada manuscrito, teoricamente, teríamos uma grafia diferente, porém todos pertencentes a um padrão de escrita do século XVIII. Nesse contexto, o estabelecimento de seu alfabeto é um dos meios mais eficazes para o levantamento de suas características, pois, observando o trajeto de formação de cada letra, além de essencial na eliminação de pendências causadas pela dificuldade de leitura, auxilia o estudo de qualquer tipo caligráfico. Por meio dele, identifica-se com facilidade quais letras possuem traçados semelhantes a outras e, portanto, necessitam de mais cuidado na sua diferenciação e quais possuem mais de uma forma. Dessa maneira, à medida que se habitua ao tipo de escrita, a empregos de letras com diversos traçados, obtêm-se as suas peculiaridades.

Ao lado segue o alfabeto extraído dos documentos editados neste livro. Distinguindo entre maiúsculas e minúsculas, está organizado de maneira que permita ao leitor comparar as formas e os traçados das letras.

O alfabeto em questão apresenta vários casos com diferentes formas para a mesma letra, cujo traçado padrão ou usado com maior frequência denomina-se *grafema*, e as suas variantes, *alógrafos*. Segundo Maia (1986: 299), nem sempre o sistema grafemático representa o fonológico de uma única forma, tanto há casos de polifonia de grafemas, quanto de heterofonia de fonemas. Destacam-se nesse contexto as minúsculas <r>, <s> e <z>. Há situações em que somente por meio do contexto e da comparação com outros exemplos, identifica-se, com precisão, o grafema que o escriba tinha intenção de registrar.

No caso do <r>, convém destacar as implicações fonéticas causadas pelo uso variacional de diferentes alógrafos desse grafema na representação das vibrantes alveolares simples e múltiplas, à primeira vista, sem critérios claros, processo semelhante ao que ocorre com as sibilantes e os esses caudado, longo e pequeno. Isso ocorria devido ao uso do <r> com valor de pequeno, conhecido como *dois de conta*, em razão de sua semelhança com o numeral “2”, de forma simples em vez de geminado em contexto de vibrante múltipla.

O grafema <s> é um dos que mais possuem variantes nos manuscritos deste livro. Da mesma forma que acontecia na escrita do século XVII (MEGALE e TOLEDO NETO, 2006: 116), acontecia também na do XVIII, “sendo necessário distinguir o <s> normal, também chamado pequeno, o <s> caudado, também chamado longo [...]” e “quando se empregava <ss>, era usual que o primeiro fosse longo ou caudado e o segundo pequeno ou normal”. Em relação ao <z>, em contextos intervocálicos, a semelhança entre o <s> e o <z> longos causa dificuldade na sua identificação e diferenciação, podendo trazer problemas de edição se essa tarefa não for feita com precisão.

Além dos já citados, vale a pena ressaltar outros grafemas que também apresentam variação. O grafema <d> minúsculo, por exemplo, tem a sua haste ora formada por uma linha reta inclinada para a direita ora inclinada para a esquerda, nesse caso, chegando a fazer um arco para o mesmo lado. O <c> maiúsculo apresenta duas formas: uma posicionada na linha da escrita com a forma de um semicírculo voltado para a direita,

como o tipográfico utilizado atualmente; outra com a mesma forma, mas com um tamanho maior, invadindo a parte inferior da pautação. O <h>, como na escrita do século XVII (MEGALE e TOLEDO NETO, 2006: 117), “traz alguma dificuldade para o principiante, porque seu grafema tem um alógrafo muito utilizado que se assemelha a um <e> maiúsculo”. O mesmo acontece com o <p> e o <f> minúsculos que, em determinados casos, apresentam as mesmas características, dificultando bastante a sua identificação.

ABREVIATURAS ENCONTRADAS NOS DOCUMENTOS SETECENTISTAS¹

Abreviatura, do latim *brevis*, é uma forma reduzida de se escrever uma palavra. O que se abrevia são sílabas, palavras ou frases de um conjunto escrito, das quais se reduz alguma ou algumas de suas letras. Segundo Marín Martínez (2002: 136), toda abreviatura possui dois elementos: aquele que abrevia e o que é abreviado. “Al primero se le llama signo abreviativo; al segundo, palabra o frase abreviada o, simplemente, abreviatura”.

O uso das abreviaturas, embora existisse desde a época romana, torna-se mais frequente no período medieval, época em que, como salienta Silva Neto (1956: 31), um dos erros mais frequentes na leitura dos manuscritos se dá justamente devido à ignorância de siglas e abreviaturas.

Se por um lado esse sistema abreviativo baseava-se na tradição latina, por outro, possuía características próprias de textos em língua portuguesa, o que tornou, de certa forma, a interpretação da escrita mais complexa para os leitores e os profissionais do texto, como paleógrafos, filólogos e historiadores.

A origem do sistema abreviativo se encontra em um tipo de escrita muito praticada na Roma antiga, a taquigrafia, do grego *tachys* (= rápido) e *graphein* (= escrever), é um tipo de escrita desenvolvida para ser tão rápida quanto a fala, já que o costume era transcrever os discursos proferidos ao

¹ Este estudo foi publicado por Renata Ferreira Costa na revista eletrônica do Arquivo do Estado de São Paulo, *Revista Histórica*, nº 15, ano 2, outubro de 2006, com o título “Abreviaturas: simplificação ou complexidade da escrita?”. No entanto, o texto aqui apresentado traz algumas modificações em relação ao artigo, principalmente em relação ao *corpus* utilizado.

vivo.

Apesar de as notas tironianas (*notae tironianae*), criadas por Marco Túlio Tiro, liberto de Cícero, grande orador romano, donde a designação de *tironianas*, constituírem o primeiro sistema taquigráfico, alguns estudiosos atribuem a invenção da taquigrafia aos hebreus, e outros, aos gregos.

Segundo Millares Carlo (1929: 46), a partir das notas tironianas desenvolveu-se, desde o século II d.C., na escrita comum, um sistema abreviativo completo e complexo, as *notae iuris* ou notas jurídicas, chamadas assim por encontrar-se em códices de conteúdo jurídico

y formado por un conjunto de abreviaturas por suspensión, contracción, signos especiales derivados de notas tironianas o verdaderas notas taquigráficas, signos abreviativos con valor general y signos con valor relativo o determinado.

Lima (2006: 11) salienta que este tipo de abreviaturas, as notas jurídicas, não tiveram a mesma popularidade das notas tironianas, mas algumas persistem, como por exemplo, v.g. (= *verbi gratia*, por exemplo) e s.m.j. (= salvo melhor juízo).

A proliferação das abreviaturas se explica, conforme Flexor (1990: XI), por dois fatores: ocupar menos espaço, devido à raridade e conseqüente custo elevado do material de escrita, e economizar tempo escrevendo mais depressa. Esse uso excessivo suscitou, em fins da República romana, como salienta Spina (1994: 49-50), a criação de medidas que condicionavam seu emprego, embora não surtisses efeito. O abuso diminuiu com a utilização da letra cursiva, mas, durante o Renascimento, “o hábito das abreviaturas continuou, a ponto de, para as obras jurídicas, serem até publicadas tábuas especiais para a leitura das siglas”.

Além das notas tironianas ou taquigráficas e das notas jurídicas, havia um outro tipo de abreviaturas, os nomes sagrados (*nomina sacra*), tipo de abreviaturas, por contração, de caráter sagrado, usadas na escrita do Novo Testamento. Seu uso estava ligado não à economia de tempo ou espaço, mas à reverência a Deus. Segundo Lima (2006: 12), na tradução da Bíblia para o latim houve a conservação da escrita grega e latina no que concerne a algumas abreviaturas, como por exemplo, XPTO (=Christo) e

IHU (Iesu).

As abreviaturas, embora não apresentem regularidade ou sistematização nos documentos luso-brasileiros, podem ser classificadas², segundo a natureza do sinal abreviativo, em:

1. Por sinal geral: composta por um signo abreviativo – ponto (.), apóstrofo ('), linha sobreposta à letra (–) ou traço envolvente (@), que indica na palavra afetada a falta de uma ou mais letras, mas sem dizer quais. Pode ser subdividida em:

1.1 *Abreviatura por suspensão ou apócope*: supressão de elementos finais da palavra. De acordo com Spina (1994: 51), o desenvolvimento desse sistema se dá a partir da escrita carolíngia na Europa. O ponto, segundo Millares Carlo (1929: 51), é o signo próprio da abreviatura por suspensão.



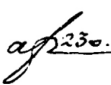


	Artigo		porque
	afolha <u>230</u> .		Capítulo
	annos		

Figura 1: Exemplos de abreviaturas por suspensão ou apócope presentes no corpus.

1.2. Sigla: derivada da palavra singula (letterae singulae), foi, conforme Spina (1994: 50), “o processo mais antigo de abreviação por suspensão ou apócope, e seu uso se manteve durante toda a Idade Média”. Consiste na representação da palavra pela letra inicial maiúscula, seguida de ponto. Segundo Flexor (1990: XII), podem ser:

² A classificação apresentada a seguir é baseada nas informações contidas em Millares Carlo (1929), Flexor (1990), Spina (1994) e Megale e Toledo Neto (2006).

1.2.1. Siglas simples: quando indicadas apenas por uma letra.






	Sargento		Reverendo
	Dom		Pede
	Frei		

Figura 2: Siglas simples presentes no corpus.

1.2.2. Siglas reduplicadas: quando a letra é repetida para significar o plural das palavras representadas.


	Pedem
---	-------

Figura 3: Sigla reduplicada presente no corpus.

1.3. Abreviatura por contração ou síncope: representa a supressão de letras do meio do vocábulo. Spina (1994: 51) destaca que esse tipo de abreviatura, quando fixa apenas as letras inicial e final, pode tornar difícil a identificação da palavra, por isso, para amenizar a dificuldade, conservam-se letras intermediárias, chamadas características.



	Senhor		Rodriguez
---	--------	---	-----------

Figura 4: Abreviaturas por contração ou síncope presentes no corpus.

1.4. Abreviatura por letras sobrescritas: sobreposição da última ou das últimas letras da palavra. Seu uso, segundo Spina (1994: 51), muito raro entre os romanos, generalizou-se a partir do século XII com a escritura visigótica.

	Janeiro		para
	Seguinte		Somente
	prezente		Regulamento
	quem		Numero
	Companheiros		muito
	Villa		necessidade
	Cidade		dito
	Freguesia		officiaes
	Vasconcelos		Excellentissimo
	mayormente		annos
	Illustrissimo		Teixeira

	Supplicantes		Sargento
	Francisco		Xavier
	Pereira		Ioaquim
	Cappitam		Antonio
	Alfferes		Criados
	Custodio		Senhor
	Ribeiro		por
	Mesmo		General
	pedaços		Lourenco
	Parapanema		oLiveira
	Mandar		Covados
	vassalo		Padre
	Reverendo		Ajudante

	frasqueira		Banguela
	Escrivam		testemunho
	Santo officio		actualmente
	Evangelho		Paroco
	Capitular		Pregador
	Caridade		Vias
	Provisam		Igreja
	Reverendissima		merce
	Fidelissima		Fevereiro
	Portaria		

Exemplos de abreviaturas por letras sobrescritas presentes no corpus.

1.5. Abreviatura mista: quando em uma mesma palavra se encontram abreviaturas por suspensão (apócope), por contração (síncope) e/ou por letras sobrescritas, ou quando, numa seqüência de palavras, nenhuma delas apresenta-se isoladamente abreviada.

	São Paulo		Vossa Magestade
	EsperaReceberMerce		São Payo
	Deos Guarde aVossa Senhoria muitos annos		Vossa Excelencia
	Sam Paulo		VossaExcelencia
	Deos Guarde aVossa Senhoria		Vossa Senhoria

Figura 6: Exemplos de abreviaturas mistas presentes no corpus.

2. Por sinal especial: presença de um sinal colocado no início, meio ou fim da palavra abreviada, indicando os elementos ausentes.

	etcoetera		Lisboa
	parágrafos		parágrafo

Figura 7: Abreviaturas por sinais especiais presentes no corpus.

3. Notas tironianas ou taquigráficas: de acordo com Spina (1994: 51) e Flexor (1990: XI), é a mais antiga forma de taquigrafia europeia. Os sinais utilizados, que se baseiam nas letras do alfabeto maiúsculo

romano, são utilizados em várias posições, tendo significados diferentes em cada uma delas. De acordo com Lima (2006: 11), as notas tironianas “se mantêm na escrita moderna, como .S. (= scilicet = a saber), e as várias formas usadas para o et (= e)”.

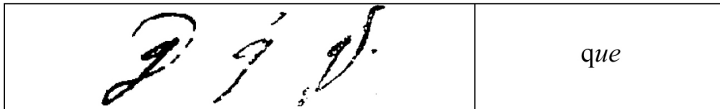


Figura 8: Nota tironiana encontrada no corpus.

4. Abreviaturas numéricas: constituem as abreviaturas de numerações, designativas de ordem, divisão e meses do ano. Usa-se a sobreposição das vogais o (os) ou a (as) minúsculas aos numerais ou à terminação –br.

	<p>segundo</p>		<p>sexto</p>
	<p>sétimo</p>		<p>oitavo</p>
	<p>oitavas</p>		<p>outubro</p>

Figura 9: Exemplos de abreviaturas numéricas presentes no corpus.

Mesmo para investigadores acostumados com a leitura de documentos manuscritos setecentistas, muitas vezes torna-se difícil interpretar as abreviaturas correntes. As abreviaturas são variadas e, algumas vezes, inconstantes, já que não havia uma normatização gráfica na época. Para

o processo de expansão ou desenvolvimento das abreviaturas, tomou-se como base o dicionário de autoria de Maria Helena Ochi Flexor (1990), que reúne material colhido em documentos do século XVI ao XIX, e que serviu muito bem aos objetivos pretendidos, que são, segundo as “Normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português do Brasil”, propostas por Cambraia et alii (2001: 23-26), “respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiossincrasias ortográficas do escriba”, evitando-se, dessa maneira, projeções anacrônicas da língua do editor sobre a língua do texto, e “no caso de variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, a opção será para a forma atual ou mais próxima da atual” (MEGALE e TOLEDO NETO, 2006: 147).

O estudo das abreviaturas, um tema bastante relevante, principalmente para os estudiosos de textos manuscritos antigos, uma vez que é um recurso muito utilizado na escrita, é necessário e importantíssimo, já que uma boa leitura paleográfica faz-se mediante um conhecimento preciso do sistema abreviativo.

Bibliografia

- ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **A escrita no Brasil colônia: um guia para leitura de manuscritos**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 1994.
- ALMEIDA, Antônio Paulino de. “Deterioração da escrita e leitura paleográfica”, **Boletim do Departamento do Arquivo**. V. 10, fev., São Paulo, 1953.
- ARRUDA, José Jobson de Andrade (Coord.). **Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo (1644-1830): catálogo 1**. Bauru, São Paulo: Edusc, Fapesp, Imesp, 2000.
- AZEVEDO FILHO, L. A. **Iniciação em Crítica Textual**. Rio de Janeiro, São Paulo, Presença, Edusp, 1987.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. “Glossário das espécies documentais”. In: ARRUDA, José Jobson de Andrade (Coord.) BELLOTTO, Heloísa Liberalli e REIS, Gilson Sérgio Matos (org.) **Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo (1644-1830): Catálogo 1**. Bauru, EDUSC, 2000.
- BERWANGER, Ana Regina, LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de paleografia e diplomática**. Santa Maria: UFSM, Centro de Ciências Sociais e Humanas, 1991.
- BISCHOFF, Bernhard. **Latin paleography: antiquity and the middle ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- CAMBRAIA, César Nardelli, CUNHA, Antônio Gerado da, MEGALE, Heitor. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**. Série Diachronica, 1, São Paulo, Humanitas, 1999.
- CAMBRAIA, César Nardelli, MIRANDA, José Américo. **Crítica Textual: reflexões e práticas**. Belo Horizonte, Núcleo de estudos de Crítica Textual, Faculdade de Letras da UFMG, 2004.
- CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à Crítica Textual**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- CARLO, Agustín Millares. **Paleografía española: ensayo de una historia de la escritura en España desde el siglo VIII al XVII**. Barcelona, Buenos Aires: Labor, 1929.
- COELHO, Maria Helena da Cruz, SANTOS, Maria José Azevedo, GOMES, Saul Antonio, MORUJÃO, Maria do Rosário. **Estudos de**

- diplomática portuguesa.** Coimbra, Edições Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2001.
- CONTRERAS, Luis Núñez. **Manual de paleografia: fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII.** Madrid: Editorial Cátedra, 1994.
- COSTA, Avelino de Jesus da. **Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos.** 3. ed. muito melhorada. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Instituto de Paleografia e Diplomática, 1993.
- COSTA, Pe. Avelino Jesus da. **Álbum de paleografia e diplomática portuguesa.** Coimbra, Universidade de Coimbra, 1976.
- DIAS, João José Alves; OLIVEIRA MARQUES, Alexandre Herculano de; RODRIGUES, Teresa F. **Álbum de Paleografia.** Lisboa, Editorial Estampa, 1987.
- DAIN, Alphonse. “Il problema della copia”, in: STUSSI, Alfredo. (a cura di) **La Critica del testo.** Bologna, Il Molino. 1985.
- DONATO, Ernani. **A palavra escrita e sua história,** São Paulo, Melhoramentos, 1951.
- FACHIN, Phablo Marchis. **Descaminhos e dificuldades: leitura de manuscritos do século XVIII.** Goiânia, Fapesp, Trilhas Urbanas, 2008.
- FERREIRA, Tito Lívio. “A paleografia e as suas dificuldades”, **Boletim do Departamento de Arquivo do Estado de São Paulo.** v. 10, fev., São Paulo, 1953.
- FIGUEIREDO, Manuel de Andrade de. **Nova escola para aprender a ler, escrever, e contar.** Lisboa Occidental: Oficina de Bernardo da Costa Carvalho, [s.d.].
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. “Inventários e testamentos como fontes primárias de pesquisa”, **Boletim Histórico e Informativo do Arquivo do Estado de São Paulo.** Vol. 3, n. 2, pg. 53-56, abr. – jun., São Paulo, 1982.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX.** 2 e., São Paulo, UNESP, Arquivo do Estado de São Paulo, 1991.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A São Paulo dos celerados.** Trópico - Idéias de norte a sul, São Paulo, , v. 1, 22 jan. 2004.

GARCÍA, Elisa Ruiz. La escritura humanística y los tipos gráficos derivados. In: TERRERO, Ángel Riesco (ed.), **Introducción a la paleografía y la diplomática general.** Madrid: Editorial Síntesis, 2000, p. 149-176.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HOUAISS, Antônio. **Elementos de Bibliologia.** V. 2, Rio de Janeiro, MEC, INL, 1967.

LEMONS, Carlos A. C. Organização urbana e arquitetura em São Paulo dos tempo coloniais, in: PRADO, Antonio Arnoni (et alii) **História da Cidade de São Paulo: A cidade colonial 1554-1822.** V. 1, p. 145-177, São Paulo, Paz e Terra, 2004.

LIMA, Yêdda Dias. Paleografia. **Apostila do curso sobre paleografia.** São Paulo: IEB, Universidade de São Paulo, 2006.

MAIA, Clarinda de Azevedo. **História do galego-português: estado lingüístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI.** Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

MARCÍLIO, Maria Luíza. **O crescimento demográfico e a evolução agrária paulista: 1700-1836.** São Paulo: Hucitec, EDUSP, 2000.

MARIANA, Manuel Sánchez. **Introducción al libro manuscrito.** Madrid: Editorial Arco Libros, 1995.

MARQUES, Antônio Henriques de Oliveira. “Diplomática”, in: SERRÃO, Joel. **Dicionário de História de Portugal e do Brasil.** V. 2, p. 823-828, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1971.

MARQUES, Antônio Henriques de Oliveira. “Paleografia”, in: SERRÃO, Joel. **Dicionário de História de Portugal e do Brasil.** V. 5, p. 292-298, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1971.

MARTÍNEZ, Tomás Marín. **Paleografía y diplomática.** Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2002.

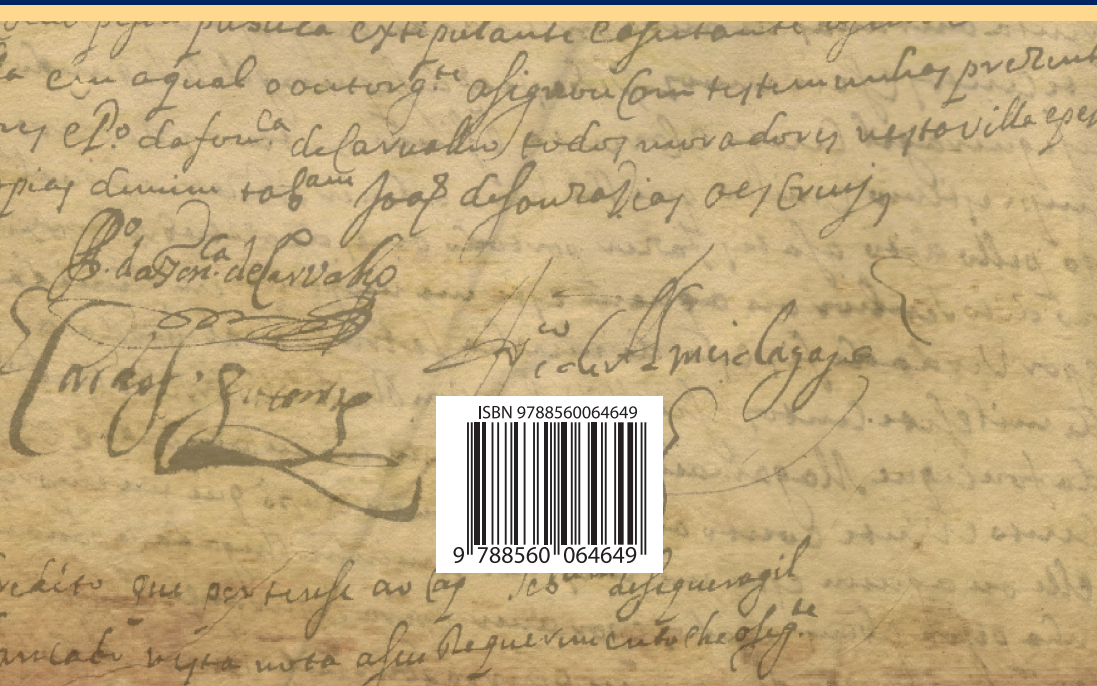
MARTINS, Wilson **A palavra escrita.** São Paulo, Anhembi, 1957.

- MEGALE, Heitor. “Pesquisa Filológica: os trabalhos da tradição e os novos trabalhos em língua Portuguesa” in: **Estudos Lingüísticos (Grupo de Estudos Ligüísticos do Estado de São Paulo)**. 27, p. 3-28, São José do Rio Preto, IBILCE, Unesp, 1998.
- MEGALE, Heitor. “Filologia Bandeirante” in: **Itinerários**. 13, p. 11-31, Araraquara, Unesp, 1998.
- MEGALE, Heitor. “Documentos brasileiros do século XVIII para estudo lingüístico” in: **Estudos Lingüísticos (Grupo de Estudos Ligüísticos do Estado de São Paulo)**. 29, p. 309-314, Assis, Faculdade Unesp, 2000.
- MEGALE, Heitor. (org.) **Filologia Bandeirante; Estudos 1**. 29, p. 309-314, São Paulo, Humanitas, 2000.
- MEGALE, Heitor e CAMBRAIA, César Nardelli. “Filologia Portuguesa no Brasil” in: **DELTA Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**. 15, n. especial, p. 1-22, São Paulo, Educ, 2000
- MEGALE, Heitor, TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida, (Org.) **Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII**. São Paulo, Ateliê, FAPESP, 2005.
- MEGALE, Heitor. TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida, FERREIRA, ANDREA Hitos e SOUZA, Erica Cristina Camarotto de. “A leitura de manuscritos em Português: documentação do século XVII” in: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo e GONÇALVES, Maria Filomena (Org.) **Novas Contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa**. P. 127-158, Araraquara, Unesp, 2007.
- MENDES, Ubirajara. “Evolução das escritas: tipos caligráficos”, **Boletim do Departamento do Arquivo**, v. 10, fev., São Paulo, 1953.
- MENDES, Ubirajara. **Noções de paleografia**. São Paulo, Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, 1953.
- MESGRAVIS, Laima. De bandeirante a fazendeiro in: PRADO, Antonio Arnoni (et alii) **História da Cidade de São Paulo: A cidade colonial 1554-1822**. V. 1, p. 115-143, São Paulo, Paz e Terra, 2004.
- MONTEIRO, John M. Dos campo de Piratininga ao Morro da Saudade in:

- PRADO, Antonio Arnoni (et alii) **História da Cidade de São Paulo: A cidade colonial 1554-1822**. V. 1, p. 21-67, São Paulo, Paz e Terra, 2004.
- MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia brasileira do período colonial**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 1969.
- MOURA, Américo de. “Paleografia: definição e generalidades”, **Boletim do Departamento do Arquivo**. V. 10, fev., São Paulo, 1953.
- NESBITT, Alexander. **The history and technique of lettering**. New York: Dover Publications, 1957.
- NISHI, Elisabete Massami. Estudo grafemático de documento do século XIX, in: **CD Estudos Lingüísticos, 30.º Seminário do GEL**. Marília, 2001
- NISHI, Elisabete Massami. Edição de manuscritos brasileiros: estudo do <h> e das nasais, Carta de ordem de viagem do século XVIII, in: **CD Estudos Lingüísticos, 30.º Seminário do GEL**. Marília, UNESP, 2002
- RODRIGUES, José Honório. **As fontes de História do Brasil na Europa**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950.
- SILVA NETO, Serafim da. **Textos medievais portugueses e seus problemas**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956.
- SILVEIRA, C. D. L. de A. Carta de ordem de viagem do século XVIII, em **CD Estudos Lingüísticos, 30.º Seminário do GEL**. Marília, 2001
- SILVEIRA, C. D. L. de A. O uso das sibilantes em textos militares dos séculos XVIII e XIX, em **CD Estudos Lingüísticos, 30.º Seminário do GEL**, Marília, UNESP, 2002
- SILVEIRA, C. D. L. de A. Documentação do Yguape, em **Filologia e Lingüística Portuguesa**. 5, p. 205-217, São Paulo, FFLCH da USP, 2003
- SILVEIRA, C. D. L. de A. Edição e estudo de uma carta de 1825, em comunicação no 32.º Seminário do GEL, Taubaté, 2003 (inédito).
- SOUSA JÚNIOR, Antônio. “Manuscritos do Brasil nos arquivos de Portugal”, **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Militar do Brasil**, n. 49, p 55-72, Rio de Janeiro, 1965.

- SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica**. 2 e., São Paulo, Edusp, Ars Poética, 1994.
- TOLEDO NETO, S. de A. Constituição de corpus de documentação do século XVII, XVIII e XIX (PB-São Paulo), em DUARTE, M. E. e CALLOU, D. (ed.) **Para a História do Português Brasileiro**. V. IV, Rio de Janeiro, 20-02, p. 39-48.
- TOLEDO NETO, S. de A. Uma incursão nas trilhas das bandeiras: edição semidiplomática do testamento de Bartolomeu da Cunha Gago, 1685, comunicação no 51.º Seminário do GEL, Taubaté, Unitau, 2003 (inédito).
- VALENTE, José Augusto Vaz. **Álbum de paleografia portuguesa**. São Paulo, USP, ECA, 1983.
- VALENTE, José Augusto Vaz. **De re paleografica**. Marília, FAFI, 1983.

Os documentos manuscritos, objeto deste livro, dão a conhecer a data e o lugar em que foram escritos, o nome de quem os elaborou e das pessoas envolvidas. Para o pesquisador interessado, são informações que permitem um retrato, o mais fiel possível da língua escrita da época. Salta aos olhos um dos traços fundamentais do conjunto de documentos publicados, a heterogeneidade, característica que se manifesta na convivência de punhos, possivelmente de muitas origens, com diversos graus de habilidade na escrita e detentores de variados hábitos de escrita. Além das características individuais de cada escriba, há que se considerar também as diferentes espécies documentais, públicas ou particulares, elaboradas com base em diferentes modelos e em diferentes contextos. A partir desses fatores, evidencia-se, nos textos que compõem esse corpus, um vasto panorama para os estudos filológicos e linguísticos. Com a cautela exigida, é possível buscarem-se indícios de retenção linguística em traços presentes na variedade padrão ou não-padrão escrita da época, e hoje encontrados, no Brasil, com maior frequência na fala coloquial, mais especificamente de idosos, com baixa escolaridade, criados e radicados em ambiente rural. Pode-se afirmar que o recorte documental reunido constitui-se em conjunto de escritos que pretende retratar, de forma ampla, o estado de língua do período, por meio de edição conservadora.



ISBN 9788560064649



9 788560 064649